



Conteúdo

Prefácio dos editores 7

Introdução 9

Saudação (1.1, 2) 11

Oração de louvor (1.3-5) 15

Fé purificada e glorificada (1.6-9) 20

Profecia parcial (1.10-12) 23

A santidade de vida que os crentes devem seguir (1.13—2.3) 25

Adoração (2.4-8) 40

A igreja como o novo Israel de Deus (2.9, 10) 44

Como a igreja deve cumprir

sua missão como povo de Deus (2.11-17) 48

Submissão de servos (2.18-25) 51

Esposas e maridos (3.1-7) 57

Recomendação à igreja (3.8, 9) 62

Lições do salmo 34 (3.10-12) 64

Graça para sofredores justos (3.13-22) 65

O significado da morte com Cristo (4.1-6) 73

Deveres e dons (4.7-11) 75

Alegrar-se no sofrimento por causa de Cristo (4.12-19) 79

Um apelo a pastores (5.1-4) 83

As bênçãos da submissão e da humildade (5.5, 6) 95

Transfira a ansiedade para os largos ombros de Deus (5.7) 96

Proteção contra o inimigo voraz (5.8, 9) 97

Uma doxologia final (5.10, 11) 99

Saudações finais de Pedro (5.12-14) 102



Prefácio dos editores

Ninguém gosta de sofrer. Por isso, a maioria dos pregadores dá destaque à paz, à felicidade e à realização que a vida cristã proporciona. Todavia, uma análise mais detida da realidade confirma o fato de que o cristão não está imune às provações normais da vida. Com efeito, os verdadeiros seguidores de Jesus podem estar sujeitos a uma pressão ainda maior que a de não-cristãos, tendo em vista o papel que desempenham como peregrinos num mundo hostil ao domínio de Deus.

A primeira carta de Pedro é um manual para cristãos que sofrem. Sua mensagem principal significa que a caminhada cristã não exige que se trace um novo caminho. Antes, nas palavras do Dr. Shedd, significa afastar-se “do caminho largo para andar no caminho de Jesus, que foi pioneiro e deixou suas pegadas para nos guiarem (1 Pe 2.21)”.

Estamos novamente gratos ao Dr. Shedd por sua exposição cuidadosa e perspicaz de mais uma epístola do Novo Testamento (Edições Vida Nova coloca à disposição também suas exposições de Efésios, Filipenses e Colossenses, além de vários estudos temáticos). Desafiamos todos os leitores a se aproximarem deste livro com a Bíblia em mãos e dispostos a ouvir e obedecer à voz de Deus.

Curtis A. Kregness



Introdução

Apesar de não estarmos absolutamente certos da relação precisa entre o apóstolo Pedro e as cinco províncias romanas às quais enviou essa primeira carta, quase não há dúvida de que o propósito de Pedro ao escrever essa carta de exortação (1 Pe 5.12) foi encorajar e consolar as igrejas dispersas pelo interior da Ásia Menor (hoje Turquia). Não há indícios em Atos ou na tradição da igreja de que Pedro tenha visitado ou evangelizado essa região montanhosa. A disseminação da fé cristã entre as comunidades que viviam no vale, nas colinas e nos planaltos deve ter ocorrido por meio de cristãos evangelizadores que, como Paulo, sentiam uma obrigação divina de proclamar o evangelho e organizar em igrejas grupos recém-formados de crentes. A liderança pastoral surgia naturalmente à medida que o Espírito Santo dotava os homens para o presbitério (1 Pe 5.1-4). A Primeira Epístola de Pedro faz um forte apelo a esses homens para atuarem como supervisores (o verbo grego deriva da mesma palavra que significa “bispo” ou “superintendente”). Eles tinham a responsabilidade de vigiar o rebanho do Senhor, protegendo-o dos falsos mestres infiltrados em seu meio e dos perseguidores hostis vindos de fora.

Um pouco de reflexão sobre a mensagem dessa carta corrobora a conclusão de que o autor deseja encorajar os primeiros leitores a resistir à tentação e não ficar esmorecidos em face das provações. É provável que os membros das igrejas do centro-norte da Ásia Menor fossem neófitos (1 Pe 2.2) e tivessem uma experiência bastante superficial para compreender por que seus sofrimentos deveriam aumentar em decorrência de uma vida mais santa (1 Pe 2.18-25). A história judaica apresentava exemplos de heróis que defenderam Deus e seus eleitos, mas sofreram tortura e até martírio. Talvez isso explique a ênfase dessa carta no papel que

tais cristãos recém-batizados deviam desempenhar como o novo Israel, um povo redimido distinto dos gentios e dos judeus perseguidores (1 Pe 2.9, 10). Pedro exorta seus leitores a cumprir a missão a que os filhos de Abraão (segundo a carne) deixaram de ter direito. Como povo eleito de Deus, eles são instados a proclamar “as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (2.9). Como sacerdotes a serviço de Deus, esses cristãos primitivos devem explicar a um mundo maldoso e cético a razão de sua esperança (3.15, 16).

Consideravelmente mais conscientes de seu isolamento do mundo que os evangélicos de hoje, os primeiros destinatários dessa carta são convidados a ver a si mesmos como peregrinos. Como o famoso peregrino de Bunyan, a separação exigida pela vida santificada foi descrita em 1 Pedro como um afastamento do caminho largo para andar no caminho de Jesus, que foi pioneiro e deixou suas pegadas para nos guiarem (1 Pe 2.21).¹

¹ Veja Ênio R. MUELLER, *1 Pedro: introdução e comentário*, São Paulo, Vida Nova, 1988, introdução e bibliografia, p. 7-62.



Saudação — 1.1, 2

O autor — 1.1

Pedro, o pescador, irmão de André, chamado a ser um discípulo de Jesus (Mt 4.18, 19), deixou sua terra natal, a Galiléia. É quase certo que ele tenha escrito em Roma (5.13, “Babilônia” deve ser um nome metafórico para a capital do Império²).

Depois de seguir o Senhor durante três anos sobre a terra e ver a nuvem encobri-lo depois da última aparição de Jesus após sua ressurreição (At 1.1-9), Pedro ministrou a Palavra em Jerusalém e na Judéia. A tentativa frustrada de Herodes, em 44 d.C., de matar Pedro para agradar os judeus, fez com que ele saísse do estreito círculo de Jerusalém (*cf.* At 12.17), indo para o mais amplo mundo gentio. Fora lá que a missão de Paulo havia penetrado com tanto êxito. Na verdade, Pedro encontrava-se de volta em Jerusalém para o debate crucial sobre a conversão dos gentios, conhecido como o Concílio de Jerusalém, em 49 d.C., mas os indícios levam a supor que ele estivesse mais cômico de sua missão fora da Judéia (*cf.* 1 Co 1.12; 9.5), evangelizando e transformando grupos de convertidos em igrejas. Paulo fala do primeiro apostolado de Pedro aos judeus (Gl 2.8), em contraste com o chamado dele mesmo aos gentios, mas isso não deve ter dissuadido Pedro de pregar fora das sinagogas, especialmente quando a oposição dos judeus intensificou-se, de 50 a 60 d.C.

Será que Pedro evangelizou o Ponto, a Galácia (norte), a Capadócia, a Ásia e a Bitúnia? Provavelmente nunca saberemos na terra, mas entendia-se que seu apostolado significasse dever ele,

² EUSÉBIO, *Hist. eccl.*, ii, 15.2.

como um dos discípulos primitivos, mais tarde comissionado por Jesus para pastorear seu rebanho, usar sua autoridade apostólica e seus escritos inspirados para fortalecer esses crentes (Jo 15.13; 21.15-19; Lc 22.32).

Pedro, o autor, alega explicitamente ser um apóstolo de Jesus Cristo. Isso significa alguém que foi pessoalmente autorizado pelo Senhor Jesus a representá-lo e falar em seu nome. Um apóstolo pode ser comparado a um procurador que age em nome daquele que legalmente o autorizou a atuar como seu substituto. É por isso que os apóstolos primitivos falavam e escreviam de modo muito diferente de quaisquer sucessores ou mestres na história da igreja. Juntamente com os profetas inspirados pelo Espírito Santo, eles transmitiram à igreja o primeiro ensino fundamental desta (Ef 2.20). O NT incorpora suas instruções e, portanto, tem a mesma autoridade do ensino do próprio Jesus.³

Os destinatários — 1.1, 2

Os primeiros leitores são chamados de “eleitos” e “forasteiros”. As implicações são abrangentes. Ser incluído entre os “eleitos” significa um exercício extraordinário de graça da parte de Deus. Rebeldes totalmente imerecedores foram escolhidos por Deus para compor a elite mais supremamente honrada. Não há explicação humana para o fato de os forasteiros gentios serem escolhidos, especialmente tendo em mente a pecaminosidade exacerbada descrita de forma tão vívida em Romanos 1.18-32.

Paulo escreve aos Romanos desejando esclarecer essa verdade surpreendente. Jacó foi escolhido por Deus para receber todas as bênçãos e a simpatia, enquanto Esaú foi excluído, antes que qualquer um dos gêmeos tivesse praticado o bem ou o mal (Rm 9.10-13). Os judeus religiosos sempre orgulhavam-se de ser os eleitos de Deus, presumindo que devia haver algum mérito detectado por Deus em Israel. Mas nada poderia estar mais distante da verdade. Agora, Deus mostrou novamente sua graça ines-

³ Veja R. SHEDD, *Tão grande salvação*, São Paulo, Vida Nova, 1978, p. 10-1.

crutável, ao amar e tornar-se amigo de estrangeiros ou forasteiros indignos.

Com a expressão “segundo a presciência de Deus Pai”, o versículo 2 acrescenta somente um pouco de luz a nosso entendimento. Muitos têm suposto que o mistério da eleição é esclarecido pelo fato de Deus saber antecipadamente como os eleitos agiriam, levando-o a escolher aqueles que voluntariamente se submeteriam a suas ordens e cooperariam com seus propósitos. Contudo, presciência não quer dizer isso. Chegamos muito mais perto da verdade quando identificamos o significado hebraico da palavra. Conhecer ou prever é mostrar reconhecimento amoroso. O amor e a graça de Deus são a origem bíblica da eleição (Rm 9.15; Ef 1.4, 5; 8.29; Am 3.2; Ml 1.2, 3). Deus nos conheceu e amou muito antes de termos qualquer existência material.

A ação do Espírito Santo também faz parte da graça da eleição. Sem a obra santificadora do Espírito,⁴ a eleição de Deus não seria mais que um desejo ou um plano não executado (*cf.* 2 Pe 3.9). A regeneração (*cf.* 1 Pe 1.3, 23; Jo 3.3-6), sendo a obra eficaz de Deus e tornando os pecadores co-participantes da natureza divina do Filho (2 Pe 1.4; 1 Co 12.13), pode ser classificada como “santificação” (2 Ts 2.13; 1 Ts 4.3).

Certamente a chave para esse admirável termo, “santificação”, não pode ser encontrada na santidade extraordinária do cristão renascido, mas sim em sua união com Cristo (1 Co 1.30), em sua inclusão na família dos santos (Ef 1.1, 4). A raiz da santificação indica separação do pecado, do mundo e de seu príncipe rebelde, uma exclusão que termina em inclusão, fora do reino da autoridade de Satanás para o reino do “Filho do seu amor” (Cl 1.13).

No mundo gentio em que a *diáspora* (povo disperso,⁵ v. 1) cristã vivia, o poder do Espírito era tão comum quanto hoje no

⁴ Pedro faz menção do Espírito apenas quatro vezes nessa carta: aqui, em 1.11, 12 e em 4.14.

⁵ Originariamente, “diáspora” era o termo usado em alusão aos judeus disseminados como sementes lançadas de forma apressada e desordenada no mundo gentio.

Brasil. “... aqueles que, pelo Espírito Santo [...] vos pregaram o evangelho...” (1.12) trouxeram uma idéia nova aos pagãos ignorantes quando o Espírito foi declarado “santo”, declaração que exprime a essência da perfeição divina. Seu ministério santificador é um absoluto antigo, porque ele nos uniu a Cristo, o Filho imaculado; é também gradual. Ele convence, instrui e exorta aos santos como Jesus fez a seus discípulos (Jo 14.16-18; 15.8, 9), que de forma alguma eram perfeitos. Devemo-nos lembrar sempre de que, sem o Espírito Santo, não pode haver união com Cristo, nem desenvolvimento da santidade. Honrar a Jesus como Senhor (1 Co 12.2, 3; Rm 10.9) é a obra característica do Espírito. Ele capacita o pecador regenerado a obedecer a Jesus Cristo (1.2), mas sem ele não pode haver novo nascimento do alto (Jo 3.3, 6).

A eleição e a presciência divinas precisam da obra santificadora do Espírito para que resultem em obediência a Jesus Cristo. Obedecer a Jesus pode ser outra forma de dizer “tornar-se cristão”. Note, em 2.8, que aqueles que rejeitam o evangelho são “desobedientes”.

Nunca devemos esquecer-nos de que o principal objetivo do Pai ao salvar o perdido é a exaltação do Filho (*cf.* Fl 2.9-11). Pedro estava profundamente convencido de que o salmo 2 predizia a entronização do Filho de Deus (v. 7) e a autoridade sobre as nações como soberano. “Com vara de ferro as regerás. [...] Servi ao SENHOR com temor [...]. Beijai o Filho para que se não irrite...” (vv. 9, 11 e 12). O senhorio de Cristo não é uma mera opção a ser aceita somente se estivermos inclinados a fazê-lo. Sendo essencial ao evangelho, Cristo devé reinar sobre seu povo, assim como a cabeça controla o corpo ou uma família bem disciplinada obedece ao pai (1.14, 17).

A aspersão por seu sangue acarreta significados múltiplos, todos enraizados na prática sacrificial do AT exigida pela lei.

Em primeiro lugar, há a purificação efetivada pelo sangue aspergido (Nm 19.4). O sangue pode referir-se ao agente pelo qual o mérito de Jesus é transferido para o pecador culpado (Hb 9.13).

Em segundo lugar, pode referir-se à constituição de uma nova aliança, juntamente com seus benefícios e obrigações (Êx 24.3-8).